

AS CEGUEIRAS DA ESCOLA: AS EXPECTATIVAS DOCENTES E DISCENTES NO PROCESSO PEDAGÓGICO.

Lívia Maria Rassi Cerce

Universidade Católica de Brasília

Resumo

Discutir o papel da escola e da educação escolar tornou-se no mundo contemporâneo uma atividade bastante comum. O fato de que cada dia mais cedo as crianças estão sendo inseridas na escola desperta aos pesquisadores uma grande interrogação sobre quais são as aprendizagens básicas de um aluno que, ao final do Ensino Médio, deva ter adquirido. Este artigo trata de refletir de maneira singular o que a escola representa para esse aluno e ao mesmo tempo quais as expectativas criadas pelos professores em relação a essa aprendizagem. O texto traz a análise de entrevistas semiestruturada realizada com alunos concluintes do Terceiro Ano do Ensino Médio e de entrevistas realizadas com seus respectivos professores, apontando a escola como um local, onde os alunos priorizam uma aprendizagem social enquanto os professores se preocupam em transmitir conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Expectativa Docente, Discente e Processo Pedagógico.

Introdução

A educação, nos últimos decênios, assumiu uma importância significativa, seja pelos segmentos da regulação, seja pelas entidades da sua realização. Diante desse cenário aparecem, também, alguns questionamentos sobre o sentido da educação e a função da escola. Muitas perguntas rondam os cotidianos escolares e poucas respostas aparecem. Para que e para quem ensinamos? Que aluno queremos atingir? O que queremos que eles aprendam?

Em 2009, Rubem Alves e Gilberto Dimenstein escreveram um livro e intitularam “Fomos maus alunos”, fazendo uma grande crítica a cerca das relações existentes na escola. Das afirmações apresentadas, pode-se concluir que não foram às aulas sistemáticas e nem a escola que os fizeram brilhar. “Foram as atividades extra escola que me fizeram pensar” (Rubem Alves, 2001). Pode-se, então, perceber diante dessa afirmação que o autor questiona as atividades que a ele eram propostas dentro da sala de aula, ou seja, atividades muito mais reprodutivas do que criativas.

“A escola foi um problema durante toda minha vida escolar, não houve um único ano em que a escola tenha sido estimulante e fonte de realização” (Gilberto Dimenstein, 2009). Nesse sentido o autor, mesmo não sendo um especialista da área de educação, deixa claro seu

grande problema enquanto aluno, explicitando as dificuldades encontradas e o desgosto pela instituição de ensino. Percebe-se nesta fala que nenhum professor, em nenhum momento de sua vida escolar conseguiu atingi-lo de forma a encarar a escola como fonte de estímulo ou realização.

Para Bruno Bettelheim, que teve sua experiência com crianças autistas, a percepção não foi muito diferente, “na escola os professores tentaram ensinar-me o que eu não queria aprender da forma como eles queriam ensinar”. Essa é uma questão bastante atual, onde os alunos buscam um tipo de informação que a escola não se mostra preparada para dar e, ao mesmo tempo, os professores preparam suas aulas com conteúdos pouco interessantes e na maioria das vezes distantes da realidade de cada um.

A vasta bibliografia comprova que cada dia mais autores se preocupam com o cotidiano escolar, mais reflexões são feitas acerca dos saberes escolares, competências para ensinar (Philippe Perrenoud, 2000), saberes necessários para a educação do futuro (Edgar Morin, 2002), pilares da educação (Jacques Delors, 1998), pedagogias para os sonhos possíveis, para a libertação e para a autonomia (Paulo Freire, 1996 -2001), até reencantar a educação (Hugo Assman, 2007). Mas qual deve ser realmente o propósito da educação, quais seriam os objetivos da escola? Transmitir conteúdos, estabelecer relações, ressignificar valores, aprender a contar, somar, ler e escrever?

Para Moraes (2008), educar é cuidar da multidimensionalidade do ser aprendente, não somente para o desenvolvimento da inteligência. É cuidar do espaço interior, de suas relações consigo mesmo, é ajudar a restabelecer a aliança entre o racional e o intuitivo, é ajudar o aprendiz a reconhecer a importância do corpo, é também cuidar do imaginário do aprendiz e ensinar-lhe a respeitar as intuições, as emoções e os sentimentos.

Entende-se assim, que educar é se preocupar com o aluno em todas as suas dimensões, não apenas a cognitiva, mas também e principalmente a emocional e social, é dar sentido ao que ele aprende, é dar significado à vida, descobrir novas habilidades e transformar novos conhecimentos.

Atualmente existem diversas experiências em andamento no mundo, com o objetivo de buscar uma alternativa à essa educação que está sendo majoritária. Uma dessas iniciativas é a Escola da Ponte, descrita por Alves (2001), com muito entusiasmo, onde tudo é feito com significado, onde as crianças aprendem o que querem e os maiores ensinam para os menores, onde os alunos criam seus direitos e seus deveres e fazem o que gostam e assim sentem prazer em aprender e em ensinar. Onde acima de tudo os objetivos estão claros tanto para os alunos como para os professores, de qual o sentido da educação, de qual a função da escola.

Nessa mesma perspectiva existe em São Paulo a Escola da Vila¹, cujo currículo se organiza como uma espiral, em que os conceitos aparecem muitas vezes ao longo dos anos, com grau crescente de complexidade. Privilegiam-se a compreensão e o aprofundamento, e a memorização é vista antes como um instrumento da aprendizagem. As situações escolares são vivências importantes que trazem muitos conhecimentos além dos disciplinares. “Enquanto os alunos aprendem, por exemplo, a somar, estarão também aprendendo a trabalhar em equipe, a compreender que há muitas formas para se resolver um mesmo problema”.

Segundo a direção, ao planejar as situações de ensino, o professor faz propostas coerentes com critérios predefinidos, o que lhe permite acompanhar o grupo e cada aluno. Com a ajuda desses instrumentos, também avalia o próprio planejamento, que pode ajustar a fim de garantir que os alunos sigam aprendendo o conteúdo desejado enquanto aqueles que encontraram dificuldade para compreendê-lo se dedicam também a ações específicas.

No mesmo sentido, um pouco mais jovem, a Escola Lumiar², também em São Paulo, propõe um currículo prático com diferentes modalidades, como os projetos, oficinas, pesquisas e outras atividades, além da vivência na gestão participativa da escola. “Para o planejamento dessas atividades, leva-se em conta o interesse e às necessidades de aprendizado e desenvolvimento, contando com a participação ativa dos estudantes”. São mais de mil itens curriculares apresentados como Matrizes de Competências e de Conteúdos.

Segundo as informações, além de conter os módulos de planejamento, no Mosaico Digital os gestores, educadores, estudantes e responsáveis têm acesso e podem acompanhar, registrar e avaliar os processos que organizam e mobilizam na vida escolar. Na prática, é uma escola que utiliza projetos ao invés de aulas, avaliação integrada no lugar de provas, e muito mais que isso, usa-se tecnologia, experiência e conhecimento para fazer deste modelo uma ferramenta de transformação.

Entretanto, a maioria das escolas estão cada vez mais inseridas na concepção da educação bancária, definida por Paulo Freire, onde o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber, onde a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositários e os educadores os depositantes.

O presente trabalho busca através de uma pesquisa mostrar as contradições vividas no cotidiano escolar, busca compreender na visão dos alunos e dos professores o que a educação escolar representa para cada um, apontar seus encontros e desencontros.

¹ Disponível em: www.vila.com.br

² Disponível em: <https://lumiar.co>

Metodologia

Para Duarte (2008), a pesquisa qualitativa só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas, bem como, de igual importância, e, de outro lado, as interferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica. Dessa forma fica claro que, mesmo havendo distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo, a subjetividade presente nas interpretações permitirá um posicionamento pessoal.

Para a análise dos dados, foi seguido um processo indutivo, por não se tratar de uma abordagem quantitativa, foram descartados os processos dedutivos (BODGAN, 1982). É importante que o investigador se interesse, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências, levando em conta os dados coletados nos questionários e a observação realizada em sala de aula.

Para Duarte (2008), o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências. Assim, mesmo que não haja uma neutralidade absoluta, o pesquisador deverá manter-se na neutralidade científica, optando por não interferir nos relatos de experiência e observação.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, que teve como cenário de investigação cinco Professores de Terceiro Ano do Ensino Médio de um Colégio Particular do município de Cristalina, além de cinco alunos da mesma turma.

Tanto os professores quanto os alunos foram escolhidos aleatoriamente, de acordo com a disponibilidade de cada um em participar da pesquisa. Todos os professores e os alunos responderam individualmente uma entrevista.

Todos os participantes foram identificados com nomes fictícios: os alunos com A na frente e os professores com P.

Resultado e Discussão

A tarefa da análise implica, num primeiro momento, a organização de todo material, dividindo-os em partes e identificando as categorias propostas nos objetivos deste trabalho. Segundo Lüdke e André. “é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente silenciados” (1986, p. 48).

1 - A escola na visão dos alunos

Ao concluir o Ensino Médio a maioria dos alunos frequentou uma escola em média 12 anos, sendo nove anos de Ensino Fundamental e três anos de Ensino Médio, tanto tempo dentro de uma rotina, quase monótona, gera espaço para muitas reflexões, a intenção deste trabalho era saber o que a escola representou para esses alunos, quais foram as maiores aprendizagens que tiveram e quais os maiores obstáculos que enfrentaram.

Na última década do século passado a UNESCO encomendou a uma comissão de estudiosos e pesquisadores uma análise da situação da educação mundial e algumas ‘soluções’ aos problemas que mais se destacavam. Os membros dessa comissão tinham total conhecimento que precisariam pensar não apenas na escola isoladamente, teriam de pensar em ligar a mão à inteligência, o indivíduo à sociedade, a aprendizagem cognitiva à não-cognitiva, o conhecimento velho ao novo e os processos de aprendizagem formais aos não-formais.

Muitos meses de reflexões geraram um Relatório (descrito em “Educação, um tesouro a Descobrir”. Jacques Delors, 1998) com um ‘diagnóstico’, que visa quatro pilares para a educação mundial. Onde aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos seriam os novos desafios da educação. Diante da análise das informações fornecidas pelos alunos, pode-se perceber a valorização da convivência em grupos, podemos observar uma época em que os alunos primam principalmente por aprender a viver juntos, mais do que o aprendizado acadêmico os alunos, hoje, valorizam a convivência social.

A.Maria.: “A escola representa um local onde, para mim, é possível, ou necessário, ter uma vida social saudável e manter conexões entre meus colegas e professores, trocando assim experiências e informações novas... as aprendizagens abrangem o saber intelectual e lidar com o ser humano a respeito das informações, elas são imprescindíveis para a minha formação e suas utilidades podem ser observadas no cotidiano, na maioria das disciplinas... a harmonia e o bom aproveitamento dessas duas áreas de aprendizagem (intelectual e social) é que irão resultar em futuros profissionais que, além de eficientes sabem a importância de contribuir com suas ideias para a humanidade”.

Percebe-se aí uma preocupação com um futuro profissional, porém antes disso aparece uma preocupação maior com a convivência social. Ouve-se muito ‘os alunos gostam de ir para a escola, só não gostam de estudar’, é verdade, é na escola que eles criam seus primeiros e mais fortes laços de amizade, é lá que eles são aceitos, ou não, nos grupos sociais, onde eles mantêm também uma relação de troca, observa-se que o aluno 1 fala em troca de experiência e informações.

A.José.: “A escola é fundamental, foi através da escola que conheci meus amigos, e como todos dizem a escola é a nossa segunda casa e nas nossas casas temos família e como a escola é uma casa todos que convivemos aqui são nossa família... na questão de ensino e aprendizagem é um pouco pequena, porque o que você aprende num ano no outro você não lembra mais, e na hora do vestibular você acaba não lembrando de tudo que é

necessário e depois que passa sabe que os 12 anos ou mais não serviram para quase nada”

Para Freire (1996), ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, que sentido teve a escola para esse aluno? Que autonomia ele conseguiu ter para desvalorizar de tal forma as aprendizagens adquiridas na escola? Estuda-se para passar de ano, no ano seguinte repete-se a proeza, e assim termina o ensino médio, valorizando apenas a convivência social.

A.Marcelo: “Para mim a escola representa um objeto de socialização, pois me proporcionou fazer amigos, me ensinou a falar... me ensinou a contestar e a compreender. Apesar de ser cansativo os doze anos e estudo na escola, é de grande importância para a formação científica, ajudando a escolher a carreira profissional de cada um. A minha maior aprendizagem é saber que os estudos é a base para o crescimento de uma vida”.

Aprendemos a reproduzir que sem os estudos não chegaremos a lugar nenhum, no primeiro princípio dos sete saberes necessários para a educação do futuro, Morin (2002), nos fala das cegueiras do conhecimento, o erro e a ilusão, onde os indivíduos conhecem, pensam e agem, segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles, isto é, faz parte de nossa cultura pensar que sem os estudos não conseguiremos ter uma vida digna, mas não conseguimos distinguir que estudos são esses e que dimensão de dignidade pode-se ter.

A.Luciana: “A escola é um longo caminho, que dentro dele passamos por diversos momentos... muitas pessoas fazem parte desse caminho, ex-colegas, professores... hoje posso ver que cada uma dessas pessoas ajudaram de alguma forma a nos formar a pessoa que somos. Em aproximadamente 14 anos de escola muita coisa aprendi, sobre matérias principais e essenciais. Mas o maior aprendizado que tive foi aprender a viver, aprender o respeito, a prestar atenção, aprendi a aceitar certas coisas e a me esforçar para conseguir o que quero. Passamos 14 anos da vida tentando aprender tudo o possível para chegarmos na faculdade e não lembrar nem 1/3 disso tudo. Apesar de tudo, vale a pena”.

Quando o aluno fala em aprender a respeitar, a prestar atenção e a aceitar certas coisas, ele está falando que alguém ensinou isso a ele, portanto alguém que exerça autoridade, pois eu só aprendo de alguém que eu delego a função de me ensinar. Mas que autoridade é essa? Demo (2005) discute sobre autoridade, dizendo que apenas a autoridade do argumento não é autoritária. Porém cabe questionar que argumentos são esses que os professores, ou melhor, a escola, utiliza para ‘convencer’ os alunos que aquilo que ela ensina é importante, mesmo que não faça nenhum sentido para ele, pois o aluno afirma que ao concluir o ensino médio ele não lembrará de nenhum terço do que ‘aprendeu’.

A.João: “Vou ser bem sincero na resposta. Para mim a escola é um mal necessário. Ela me ensinou que a vida não é fácil e que estou sempre enfrentando grandes obstáculos, porém preciso superar os obstáculos e construir uma vida feliz de sucesso e para isso necessito de estudar. Resumindo, a escola é algo bem chato, mas eu preciso dela”.

Pode-se perceber através dos quatro primeiros alunos que a escola é um lugar de prazer, pois instala-se no social, no convívio, na amizade. Porém é um lugar de insegurança,

poucas aprendizagens, ou seja, de aprendizagens fragmentadas, sem sentido. Vemos através do relato do último aluno que a escola é um ‘mal necessário’, nem prazer pelo convívio com os colegas esse aluno não sentia, passou mais de uma década na escola para se chegar a conclusão de que ele só a frequenta por que um dia será cobrado, mas que o que ele realmente aprendeu é que a vida não é fácil. O que fazer para encantar a escola? Para tecer um aprendizado em conjunto? Para despertar nesses alunos um significado, ou um sentido, para que e por quê estejam ali? O que fazer para que a educação desses jovens e de tantos outros deixe de ser uma educação bancária e passe a ser uma educação libertadora?

Pode-se sugerir a transdisciplinaridade e a complexidade como resposta a muitas destas perguntas. A complexidade, vista por Morin (2002), que por sua vez sugere alguns princípios básicos, tais como: sair de uma ideia reducionista (das disciplinas isoladas) e partir para uma ideia sistêmica, onde une o conhecimento das partes com o todo; sair de um conhecimento dialético e passar para um conhecimento dialógico, onde deve-se entrelaçar o que parece separado (razão e emoção). Dar sentido à escola e à função que ela exerce é o novo grande desafio.

2 - A escola na visão dos professores

A função primeira da escola, apesar de muitas outras que a ela foram designadas, ainda é ensinar, ou seja, o aluno vai para escola para aprender. De acordo com Demo (2008) há vários fatores que influenciam na aprendizagem de um aluno, que fazem o alunos aprenderem mal ou bem. Para Matura e Varela (2001) a aprendizagem está relacionada a uma base biológica, que acontecem de dentro para fora, na qual os autores denominam de autopoiese. Para Vygotsky (2007) a aprendizagem está situada nas relações, o que ele chama de interacionismo. Já os autores Goleman (1995) e Gardner (1993) acreditam que a aprendizagem esteja relacionada as habilidades emocionais, que tem sua origem na esfera da motivação.

O maior problema é que aula não é necessariamente aprendizagem, o fato do aluno e do professor estarem presentes na sala de aula não significa que há uma relação de ensino e aprendizagem. Seja qual for a abordagem escolhida (biológica, interacionista, motivacional) o fato é que para que ocorra uma aprendizagem deve haver uma relação efetiva entre os indivíduos ensinante e aprendente e que os dois devam ter o mesmo interesse, os dois devam caminhar na mesma direção.

Nesta etapa os professores foram questionados sobre dois aspectos diferentes, em primeiro lugar o que ele prioriza ao planejar suas aulas e em seguida qual seu ponto de vista a respeito da função da escola hoje em dia.

P.A: “Ao planejar procuro priorizar a aprendizagem dos alunos, organizando um planejamento flexível, de forma a adaptá-los as necessidades dos educandos. Pois ao observar que o planejamento não está alcançando os alunos, procuro refletir minha prática pedagógica, mudando estratégias e metodologias para assim poder alcançar meu objetivo maior “a aprendizagem dos alunos (...) A função da escola é formar cidadãos competentes e conscientes de tais responsabilidades sociais. Conduzindo a desenvolverem um espírito crítico e criativo e sobre o mundo capitalista em que vivem”.

Segundo Demo (2010) “ser professor é cuidar para que o aluno aprenda”, não é apenas dar aulas, mas se preocupar com a aprendizagem de cada aluno. De acordo com o relato dessa professora pode-se perceber essa preocupação explicitamente, o fato de ser flexível e poder adaptá-lo às necessidades do educando confirma esse interesse. Já na segunda parte da resposta, a professora afirma ser função principal da escola a formação de cidadãos, porém, em que momento isso vai ser trabalhado, se ao planejar suas aulas a professora não se preocupa com a aprendizagem de valores?

Batalloso (2011) diz ser impossível separar aprendizagem de desenvolvimento e conhecimento da própria vida. Afirma que o desenvolvimento pode ser dividido em pelo menos três tipos: o cognitivo, o emocional, sentimental e afetivo e o volitivo. Dessa forma pode-se afirmar que toda educação é fundamentada no desenvolvimento de todos esses aspectos igualmente valorizados.

P.B.:“O que priorizo ao organizar meu planejamento são os aspectos metodológicos, pois uma das grandes dificuldades na transferência do conhecimento é o “como ensinar” ou seja, qual a adequada metodologia que devo utilizar para ser efetivado o ensino-aprendizagem... Assim, acredito ser função da escola atual a busca de um conjunto de procedimentos que podem facilitar a ação do professor. Não se trata de elaborar novas listas de tópicos de conteúdo, mas sobretudo de dar ao ensino novas dimensões que dê margem a contextualização dos conteúdos e a articulação dos mesmos em diferentes disciplinas.”

A educação ‘bancária’ está bastante clara no argumento da segunda professora, pois quando ela se refere à transmissão de conhecimento e sua preocupação em ‘como ensinar’ ela afirma mais uma vez que sua função é ensinar e dos alunos aprenderem. Freire (2005) a base dessa teoria está na concepção de que o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber, onde a educação se torna uma ação de depositar, em que os educandos são depositários e os educadores depositantes. O mesmo autor insiste ainda que “ensinar não é transferir conhecimento” (1996).

Para tanto, os estudos atuais revelam que a educação não pode se resumir a mera transmissão de conteúdo, educar exige uma série de quesitos que envolvem o aluno como um todo, que enxerga o conhecimento como algo que vai muito além da aquisição de conteúdo, que compreende a aprendizagem como uma construção que se dá de dentro para fora, autopoiese (Maturana e Varela, 2001).

P.C.: “Quanto ao planejamento anual as matérias (prioritárias) essenciais para a base do aprendizado do aluno. Ao aplicar cada conteúdo “priorizado”, escolher e encontrar o modo mais simples, direto e prático para se aplicar, chegar a esse aprendizado. Quando nos deparamos com os “obstáculos” na aprendizagem, valemos do nosso “planejamento” para reavaliar o que não foi conseguido com êxito, encontrar outros meios para se chegar até a aprendizagem “almejada”... A função da escola hoje, como educadora, é extenuante. O professor tem que saber lidar com as pressões internas (aprendizagem, salas cada vez mais heterogêneas, saber lidar com a diversidade de gênero cada vez mais crescente, falta de estímulo do corpo discente entre outros) e as pressões externas (violência / bullying, drogas, sexualidade precoce, pais ausentes ou super protetores, limites / respeito...), a vida da escola para mim é... não, ficou complexa. Às vezes, parece que aquilo que não consigo realizar me frustra e tento aplicar no meio familiar. Paro, penso, reavalio e faço novamente. Não pense que isto seja por tentativa e erro; ou vejo como busca de resultados melhores”.

Aqui fica muito claro as pressões sofridas por um professor, é ao mesmo tempo a ânsia de ensinar e a cobrança para que os alunos aprendam. As pressões externas, assim como as internas (segundo a professora) interferem diretamente em seu papel de educador, que causa frustração profissional e pessoal, interferindo em seu meio familiar.

P.D.: “Priorizo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), pois eles constituem um referencial para fomentar a reflexão sobre os currículos estaduais e municipais. Procuo desenvolver métodos para delimitar objetivos e traçar metas, pois por meio deles é possível pautar o trabalho. Observo também a realidade do aluno, pois existe a necessidade de contextualizá-la, com o intento de provocar maiores e melhores condições de ensino e aprendizagem. Outro ponto importante, é observar o nível de conhecimento dos alunos e desenvolver aulas que despertem maior interesse da turma. O currículo é flexível e isto torna visível quando deparamos com situações em sala e precisamos alterar o planejamento para adequá-lo a necessidade da turma, mas vale ressaltar que o foco maior do planejamento de forma ativa e continuada, tornando o aluno um ser crítico diante das diversas questões que envolvam a sociedade... As escolas tem exercido os mais variados papéis, mas é importante ter claro que sua função é formar cidadãos conscientes de seus deveres e de seus direitos”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo país. Sua principal função é nortear a educação básica, dando subsídios para a preparação das aulas e denominando um currículo nacional comum. Muitos professores ainda hoje se veem presos a esse currículo, fazendo dos

PCNs sua preocupação principal. O que há de diferente nesse relato é a preocupação da professora com a realidade de seus alunos, seus níveis de conhecimento.

P.E: “Ao organizar meu planejamento procuro visualizar, pelo menos a médio prazo, em adequar meus anseios para o ano letivo ao recursos de que disponho, aqueles que reconhecidamente funcionam e aqueles que quero implantar, e claro, ver funcionar... Procuro sempre me preparar com um leque de opções que vão além da minha disciplina sem que, necessariamente, precise mudar o planejamento dos demais professores. Na verdade gosto de manter um elo entre a minha disciplina e as demais e, principalmente com a realidade da “vida prática”... Quanto à função da escola hoje, não consigo encaixá-la em nenhum dos meus conceitos anteriores e nem nas minhas próprias expectativas como professora. A escola perdeu consistência, perdeu valores assim como a própria sociedade na qual está inserida. A escola perdeu o foco, não é mais a bússola que deveria nos indicar caminhos, ela é empresa (mesmo a pública), tem objetivos financeiros, tem marketing, é uma marca registrada, um mercado que deve ser mantido e não mais um nome a zelar”.

Dizer que a escola perdeu o foco é assumir que está sem identidade, que não sabe o que quer formar e nem quem formar. A professora relata seu desencanto pela escola contemporânea, onde segundo ela, não há mais valores e nem consistência. Freire (1996) afirma que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, ou seja, por mais que a sociedade tenha perdido seus valores e escola tem o dever de resgatá-los.

Conclusões

A pesquisa realizada aponta de forma clara que a Educação no Brasil precisa passar por um reforma, é necessário que os interesses, dos alunos e dos professores, ao invés de se convergirem passe a se encontrar. É urgente que a escola passe a enxergar seus problemas, suas limitações e acima de tudo suas potencialidades, aquilo que ela é capaz de produzir.

Pode-se perceber dois lados na mesma instituição: de um lado, os alunos querem um lugar onde eles possam se conhecer, saber de suas habilidades e ter um convívio social sadio, necessário para cada faixa etária; por outro lado, os professores apesar de acreditarem que a função principal da escola é formar cidadãos íntegros, éticos e críticos, ainda priorizam seus conteúdos, planejam suas aulas pensando em cumprir o livro didático.

A literatura apontada neste artigo sugere uma mudança na postura e formação dos professores, mas ao mesmo tempo ainda temos no final do túnel o determinante para o currículo da escola básica, o vestibular. Percebe-se que os alunos estudam para passar de ano e quando chegam ao último ano do Ensino Médio tentam se concentrar no vestibular, e todas as experiências escolares anteriores são esquecidas.

O vestibular é apenas uma das perspectivas da escola, que não pode girar apenas em torno deste ângulo. A partir do momento em que observa-se que a escola não apenas ensina, mas também educa, poderá ser compreendido uma dimensão mais ampla. Enxergar o erro do aluno como parte de seu aprendizado, aproveitar aquilo que emerge do aluno para uma discussão em sala, contextualizar os conteúdos programáticos são apenas algumas sugestões que podem ser realizadas para um novo olhar, para que a escola deixe suas cegueiras de lado e passe a enxergar as necessidades de cada educando.

Referências

ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BATALLOSO, Juan Miguel. **Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar**. Brasília: Liber Livro, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Argumento de Autoridade X Autoridade do Argumento: interfaces da cidadania e da epistemologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

_____. **Aprender bem/mal**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

_____. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org). **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Trad. Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação.** São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes para a educação do futuro.** Trad. Ana Paula de Viveros. Porto Alegre: Horizontes Pedagógicos, 2002.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Trad. Dulce Matos. Porto Alegre: Epistemologia e Sociedade, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para Ensinar.** Trad. Patrícia Chittoni. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Trad. José Cipolla Neto (et al). 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.